

**UNIVERSIDADE FEDERAL DE PELOTAS**  
**Instituto de Filosofia, Sociologia e Política**  
**Curso de Graduação em Ciências Sociais Bacharelado**



Trabalho de Conclusão de Curso

**SUBVERSÃO E PERFORMATIVIDADE:**

O papel da vestimenta como instrumento de subversão à heteronormatividade na  
noite de Pelotas

**DIEGO VIEIRA SILVEIRA**

Pelotas, 2023

**DIEGO VIEIRA SILVEIRA**

**SUBVERSÃO E PERFORMATIVIDADE:**

O papel da vestimenta como instrumento de subversão à heteronormatividade na  
noite de Pelotas

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado  
ao Curso de Ciências Sociais, do Instituto de  
Filosofia, Sociologia e Política da Universidade  
Federal de Pelotas, como requisito parcial à  
obtenção do título de Bacharel em Ciências  
Sociais.

Orientador: Prof. Dr. Marcus Vinicius Spolle

Pelotas, 2023

Universidade Federal de Pelotas / Sistema de Bibliotecas  
Catalogação na Publicação

S587s Silveira, Diego Vieira

Subversão e performatividade : o papel da vestimenta como instrumento de subversão à heteronormatividade na noite de Pelotas / Diego Vieira Silveira ; Marcus Vinicius Spolle, orientadora. — Pelotas, 2023.

58 f. : il.

Trabalho de Conclusão de Curso (Bacharelado em Ciências Sociais) — Instituto de Filosofia, Sociologia e Política, Universidade Federal de Pelotas, 2023.

1. Teoria Queer. 2. Subversão. 3. Performatividade. 4. Heteronormatividade. 5. Vestimenta. I. Spolle, Marcus Vinicius, orient. II. Título.

CDD : 305.3

Diego Vieira Silveira

SUBVERSÃO E PERFORMATIVIDADE:

O papel da vestimenta como instrumento de subversão à heteronormatividade na noite de Pelotas.

Trabalho de Conclusão de Curso aprovado, como requisito parcial, para obtenção do grau de Bacharel em Ciências Sociais, Instituto de Filosofia, Sociologia e Política, Universidade Federal de Pelotas.

Data da Defesa: 29/09/2023

Banca examinadora:

Prof. Dr. Marcus Vinicius Spolle (Orientador)  
Doutor em Sociologia pela Universidade Federal do Rio Grande do Sul

Profa. Dra. Rosangela Marione Schulz  
Doutora em Ciência Política pela Universidade Federal do Rio Grande do Sul

Prof. Dr. Hudson Cristiano Wander de Carvalho  
Doutor em ciências pelo Programa de Pós-Graduação em Psiquiatria e Psicologia Médica da Universidade Federal de São Paulo

## RESUMO

SILVEIRA, Diego Vieira. **SUBVERSÃO E PERFORMATIVIDADE: O papel da vestimenta como um instrumento de subversão à heteronormatividade na noite de Pelotas**. Orientador: Marcus Vinicius Spolle. 2023. 57 f. Trabalho de Conclusão de Curso (Bacharel em Ciências Sociais) – Curso de Graduação em Ciências Sociais, Instituto de Filosofia, Sociologia e Política, Universidade Federal de Pelotas, Pelotas, 2023.

O presente trabalho pretende estabelecer relação entre a vestimenta enquanto instrumento de performatização e a estética quando ferramenta de subversão. Assim, é realizada investigação sobre a influência da vestimenta, como instrumento de subversão, em relação às construções sociais, e à normalização, criadas a partir de identidades de gênero e sexualidade no cenário noturno da cidade de Pelotas (RS). Em vista disso, foram selecionados, e consultados, autores como Judith Butler, Paul B. Preciado e Michel Foucault para comporem o referencial teórico desta pesquisa. A partir de uma abordagem qualitativa, produziram-se fotografias, com autorização prévia, acerca das vestimentas dos indivíduos em bares e festas pelotenses. Utiliza-se a metodologia apresentada por André Mendes na análise das fotografias, que são classificadas entre heteronormativas e não heteronormativas, em seguida, verifica-se sua capacidade de subversão a essa normatividade binária. Ao analisar a contraposição entre normatividade binária e subversão, poder-se-á entender se a vestimenta cumpre sua função como instrumento de subversão à heteronormatividade. Através deste trabalho foi possível constatar a subversão como tensionadora dos símbolos heteronormativos, permitindo fortalecer a não normatividade como resultado. A vestimenta, como dispositivo de subversão, transgride as noções normativas de gênero quando destoa da lógica heteronormativa atribuída ao corpo que veste. Ou, ao ser performatizada por um corpo não normativo, ao quebrar com a expectativa sobre sua naturalização, revelando ser algo diferente do que aparentava ser.

**Palavras-Chave:** Teoria queer. Subversão. Performatividade. Heteronormatividade. Vestimenta.

## **ABSTRACT**

SILVEIRA, Diego Vieira. **SUBVERSION AND PERFORMATIVITY: The role of clothing as an instrument of subversion to heteronormativity at night in Pelotas**. Advisor: Marcus Vinicius Spolle. 2023. 57 s. Final Paper (Bachelor of Social Sciences) – Undergraduate Course in Social Sciences, Institute of Philosophy, Sociology and Politics, Federal University of Pelotas, Pelotas, 2023.

The present work aims to establish a relationship between clothing as an instrument of performance and aesthetics as a tool of subversion. Thus, an investigation is carried out on the influence of clothing, as an instrument of subversion, in relation to social constructions and normalizations, created from gender and sexuality identities in the nightlife scene of the city of Pelotas (RS). Given this, authors such as Judith Butler, Paul B. Preciado and Michel Foucault were selected and consulted to compose the theoretical framework for this research. Using a qualitative approach, photographs were produced, with prior authorization, of the clothes worn by individuals in bars and parties in Pelotas. The methodology presented by André Mendes is used to analyze the photographs, which are classified as heteronormative and non-heteronormative, and then their ability to subvert this binary normativity is verified. By analyzing the contrast between binary normativity and subversion, it will be possible to understand whether clothing fulfills its function as an instrument of subversion to heteronormativity. Through this work it was possible to verify subversion as a tensioner of heteronormative symbols, allowing as a result the strengthening of non-normativeness. Clothing, as a device of subversion, transgresses normative notions of gender when it conflicts with the heteronormative logic attributed to the body it wears. Or, when it is carried out by a non-normative body, when it breaks with the expectation about its naturalization, revealing itself to be something different from what it appeared to be.

**Keywords:** Queer theory. Subversion. Performativity. Heteronormativity. Clothing.

## LISTA DE FIGURAS

|                |    |
|----------------|----|
| Figura 1.....  | 21 |
| Figura 2.....  | 23 |
| Figura 3.....  | 25 |
| Figura 4.....  | 26 |
| Figura 5.....  | 28 |
| Figura 6.....  | 29 |
| Figura 7.....  | 30 |
| Figura 8.....  | 32 |
| Figura 9.....  | 33 |
| Figura 10..... | 34 |
| Figura 11..... | 36 |
| Figura 12..... | 37 |
| Figura 13..... | 38 |
| Figura 14..... | 39 |
| Figura 15..... | 42 |
|                |    |
| Quadro 1.....  | 22 |
| Quadro 2.....  | 24 |
| Quadro 3.....  | 25 |
| Quadro 4.....  | 26 |
| Quadro 5.....  | 28 |
| Quadro 6.....  | 29 |
| Quadro 7.....  | 30 |
| Quadro 8.....  | 32 |
| Quadro 9.....  | 33 |
| Quadro 10..... | 34 |
| Quadro 11..... | 36 |
| Quadro 12..... | 37 |
| Quadro 13..... | 39 |
| Quadro 14..... | 40 |
| Quadro 15..... | 41 |

## SUMÁRIO

|                                                         |           |
|---------------------------------------------------------|-----------|
| <b>Introdução.....</b>                                  | <b>5</b>  |
| <b>1 Teoria queer, seus conceitos e vestimenta.....</b> | <b>9</b>  |
| <b>2 Contextualização metodológica.....</b>             | <b>17</b> |
| 2.1 Análise e síntese dos dados.....                    | 21        |
| <b>Considerações finais.....</b>                        | <b>42</b> |
| <b>Referências.....</b>                                 | <b>46</b> |
| <b>Apêndice A.....</b>                                  | <b>48</b> |

## Introdução

Durante uma boa parte da história das sociedades humanas os conceitos de gênero e sexualidade foram definidos como papéis ou atribuições ligadas à biologia ou questões religiosas e culturais. Sendo assim, todo o indivíduo considerado fora do “normal” por determinada sociedade acaba por ser visto como anormal, patológico ou desviante. Por consequência, e reação, esses indivíduos passam a reivindicar seus direitos e a inclusão, dentro do espectro do que é “normal” nas suas existências. Isso se dá através de movimentos sociais e culturais, através das artes, da mídia etc. Ademais, esses movimentos identitários, principalmente a partir da segunda metade do século XX, acabam por trazer voz e visibilidade a essas minorias, mas, ao mesmo tempo, isso gera uma necessidade de adequação e rotulação das diferentes identidades de gênero e sexualidades, com objetivo de tornar essas pessoas “normais” perante os olhos da sociedade conservadora.

Contudo, a Teoria Queer, através de autores como Butler (2021) e Preciado (2014), trouxe uma nova forma de reflexão pós-identitária, onde gênero e sexualidade são vistos como resultado de uma construção social e, dessa forma, não existem papéis sexuais ou de gênero biologicamente relacionados à natureza humana. Portanto, a naturalização da heterossexualidade pelos conservadores e, consequentemente, a marginalização da homossexualidade, gerou a luta pelos movimentos sociais. Que acabaram por reivindicar outras sexualidades e identidades de gênero, para além da heteronormatividade. Porém, dentro desta perspectiva, isso não contribuiu para subverter o normal, mas, sim, no fortalecimento da ideia de que o escopo que abrange o que é normal precisa ser ampliado. Isso acontece porque acaba-se por admitir, de certa maneira, que é necessário trabalhar com uma noção do “normal” mais ampliada. Socialmente, isso, cria estigmas, que demarcam uma nova normalidade e, involuntariamente, criam critérios do que não é normal, dessa forma, acabam inserindo outras minorias à marginalidade.

Isto posto, podemos considerar que pessoas fora da heteronormatividade utilizam das ferramentas sociais, que possibilitam performatizar, segundo Butler (2021), o que é normal dentro de uma sociedade, subvertendo e tensionando os padrões heteronormativos. A vestimenta pode ser considerada uma dessas ferramentas de performatização, pois é um aspecto utilizado nas sociedades humanas há muito tempo e não apenas com o objetivo de proteção, mas como uma

maneira de expressão. A moda é “um instrumento” social muito poderoso, influente e transformador da sociedade. Sendo capaz de impactar não apenas socialmente, mas economicamente também.

Porém, a roupa acaba por tornar-se uma mensagem social, uma vez que, ao notar o indivíduo, o outro vai, a partir do traje deste, formar uma opinião inicial sobre quem está sendo observado. Assim sendo, a roupa acaba assumindo o papel de subverter, ou reforçar, a normalização imposta aos sujeitos pela sociedade. Sendo assim, a indumentária serve como uma maneira do indivíduo expressar a sua identidade e, ao mesmo tempo, gera conflito e/ou estranheza quando não é uma vestimenta considerada “normal” para aquele determinado tipo de corpo.

Tais indagações trazem a seguinte questão: “a maneira como uma pessoa se veste influencia na subversão das construções sociais, e da normalização, criadas a partir de identidades de gênero e sexualidade?”

Portanto, a reflexão sobre a possibilidade de utilizar a vestimenta como uma maneira de subverter a normatividade imposta pela sociedade sobre identidades de gênero e sexualidade é de extrema importância para que seja possível compreender, não apenas o impacto desse ato inconsciente de subversão pós-identitária. Mas, também, permite identificar de que maneira estas reflexões contribuem para a conquista de visibilidade por parte das minorias que não são consideradas “normais”. Ao atestarem suas individualidades, através da roupa, essas pessoas, estão influenciando a sociedade ao seu redor? Ou seja, em outras palavras, este estudo vai ajudar a compreender o efeito da performatividade de gênero, através da indumentária, como recurso intrínseco e involuntário da insurreição à heteronormatividade binária.

Outro motivo muito importante para a existência dessa pesquisa é que há poucos estudos dedicados ao tema. Sendo que alguns apenas tangenciam os conceitos de performatividade e subversão ligados à vestimenta. Outros abordaram os conceitos de maneira mais complexa, mas não concluíram uma relação satisfatória se a vestimenta é vista como um instrumento de subversão da heteronormatividade.

Pode-se perceber, por exemplo, no trabalho de Menezes e Beccari (2021) onde a questão de performatividade e subversão de gênero são trabalhadas especificamente para analisar a moda sem gênero, ou de gênero neutro. Já

Arcoverde (2017) trabalha o conceito de vestimenta, e moda, como subversão de gênero focando exclusivamente nos *crossdressers* e seu impacto na cultura.

Notei que utilizar as palavras-chave “teoria queer e indumentária” trouxe trabalhos mais voltados ao campo da moda e da performatividade de gênero, o que foi muito bom para entender como os autores estabelecem a conexão entre esses dois conceitos, mas isso apenas permitiu que compreendesse de maneira breve como a subversão se introduziu, com o papel de um terceiro elemento, já que não é tão abordada nos trabalhos selecionados.

Foi apenas através das palavras-chave “subversão e vestimenta” que pude entender melhor como os autores estão relacionando subversão, performatividade de gênero e vestimenta. Sendo este último conceito sempre relacionado com a moda.

Portanto, conclui-se que existem poucos trabalhos que relacionam esses conceitos de maneira satisfatória. Sendo Arcoverde (2014 e 2017) a única, entre os autores, que trabalhou especificamente a subversão de gênero diretamente relacionada à indumentária.

Dessa forma, pode-se concluir, que essa área de pesquisa é ainda pouco explorada e não existem muitos autores que trabalham esses conceitos e, mesmo assim, os que foram encontrados não trabalham propriamente a vestimenta como ferramenta de subversão à heteronormatividade. Portanto, é um campo pouco explorado.

Além disso, a pesquisa é de extrema importância para mim, pois, como alguém que não se identifica como heteronormativo, entendo que é necessário compreender a repercussão dessa subversão sobre as construções sociais de gênero e sexualidade que nos atravessam. Isso porque são claras e vívidas as lembranças dos momentos onde eu vestia os sapatos da minha mãe, quando eu possuía pouco mais de cinco ou seis anos, e sai andando pela casa. Ou quando decidi, uma vez, pintar minhas unhas como minha avó fazia todo o dia à noite durante sua novela. Lembro de querer fazer essas coisas porque admirava as duas como pessoas, não porque queria “ser mulher” ou “ser gay”, sendo uma criança inocente, buscava apenas espelhar-me naqueles por quem eu nutria essa estima.

Todavia, essa inocência se quebrou quando fui informado que não poderia fazer isso, que era algo errado. Segundo o que foi-me explicado na época, através de repreensão, eu não tinha permissão para utilizar essas coisas, pois eram

associadas à figura feminina e eu era um homenzinho. Porém, antes desses episódios repressores, eu não via tais atos como sendo correspondentes a quaisquer gêneros ou sexualidades, apenas após essa “intervenção” que passei a perceber essas atitudes e comportamentos como sendo ligados a papéis de gênero.

Por isso, mesmo que existam bastante materiais empíricos sobre o assunto, esses materiais não foram explorados e analisados de maneira que a vestimenta tenha um papel, servindo como instrumento, para exercer, ou não, essa subversão à heteronormatividade. Deve ser considerado que no Brasil existem muitos grupos de gênero e de sexualidade que não se enquadram parcialmente, ou não se enquadram por completo, ao que é tido como normal pelo poder. Portanto, esta pesquisa almeja demonstrar que, através da roupa, os indivíduos podem rechaçar a necessidade de rotulação imposta pela sociedade e, a partir disso, podem performatizar suas individualidades.

O local escolhido para realizar esta análise foram bares, boates e outras localidades noturnas da cidade de Pelotas, no Rio Grande do Sul. Isso porque, ao saírem para confraternizar nesses locais, os indivíduos estão performatizando, ou seja, estão se construindo para que os outros os vejam como desejam serem vistos. De modo que, a roupa, acessórios etc são uma forma de representar, ou melhor, complementar a maneira que um indivíduo deseja se apresentar perante os outros em ambientes noturnos, onde muitas vezes a conversa e troca de ideias não é possível.

Assim sendo, como o objetivo da pesquisa é compreender a influência da vestimenta, como instrumento de subversão, em relação às construções sociais, e à normalização, criadas sobre identidades de gênero e sexualidade no cenário noturno de Pelotas, foi realizada uma análise, através de imagens, da vestimenta dos indivíduos nesses ambientes noturnos. De modo que, para cumprir esse objetivo geral, faz-se necessário encarregar-se dos seguintes objetivos específicos: comparar a proporção de elementos heteronormativos com a de elementos não heteronormativos entre os indivíduos; constatar se existe parcela significativa de elementos subversivos em relação aos não subversivos; e, por fim, associar a comparação entre elementos heteronormativos e não heteronormativos com a constatação da relação entre elementos subversivos e não subversivos.

Desse modo, será possível perceber se a vestimenta realmente tem papel na subversão da heteronormatividade.

## 1. Teoria queer, seus conceitos e vestimenta

Os conceitos principais abordados nesta pesquisa são a noção de indumentária, ou vestimenta, através da moda, subversão e performatividade de gênero. Contudo, para um melhor entendimento de como esses conceitos citados acima se relacionam será necessário entender conceitos básicos que servem como pontes, ou *links*, entre esses conceitos principais utilizados na pesquisa. Portanto, comecemos com o conceito de performatividade de gênero.

Para entender performatividade de gênero será necessário, inicialmente, mobilizar também o conceito de normalização. Segundo Foucault (2021), poder é uma prática social heterogênea que está em constante transformação, sem estar diretamente ligada a qualquer instituição ou pessoa. É o poder que define o que é “anormal”. Seguindo a lógica do autor, o “normal” é definido pelo que é “anormal”, ou seja, o autor diz que o poder instrui as pessoas no que é ser “normal” a partir do que não é. Inclusive, essa é uma das críticas de Foucault à sublimação apresentada por Freud. Porque, para Foucault (1996 e 2021), as pessoas são socializadas pelo desejo de pertencer a um determinado grupo, por quererem fazer parte do que é tido como normal, e não devido à repressão. Isso não poderia ser diferente no que tange a roupa, sendo a moda um fenômeno que, por si só, tem o poder de implementar o que é anormal e, a partir disso, definir suas tendências.

Por consequência, acaba-se criando uma binariedade entre o que é permitido e proibido, certo e errado. Isso se aplica, também, ao gênero e à vestimenta do indivíduo, pois existem indumentárias sugeridas como apropriadas para cada tipo de corpo em nossa sociedade. Essa “normatividade”, ou “heteronormatividade”, cria um problema de identificação para aqueles que desejam a normalidade, mas são considerados anormais por não se encaixarem nas identidades heteronormativas, masculino e feminino. Portanto, entende-se que existem roupas femininas e roupas masculinas, ou seja, roupas têm um gênero predefinido, uma vez que, ao serem confeccionadas, são produzidas para um gênero em específico. Por isso, corpos femininos masculinizados ou corpos masculinos afeminados, através da vestimenta que utilizam, são considerados anormais, já que fogem do padrão binário de gênero imposto. Assim sendo, nesta pesquisa, sempre que forem utilizados termos como heteronormatividade, normalização, normalização binária e binariedade de gênero,

me referirei aos conceitos de normalização e poder apresentados por Foucault (2021).

Posteriormente, Butler (2021), vai ampliar essa discussão questionando a noção de identidades de gênero heteronormativas e binárias. Ela vai trazer o conceito de “performatividade de gênero”. Esse conceito é muito importante, pois a noção de performatividade de gênero implica que gêneros e o sexo, por consequência a sexualidade, são uma construção social. Isto é, os gêneros não são naturais ao indivíduo, mas às pessoas aprendem a se comportar ou se definir de determinada maneira para se encaixar nos papéis de gênero impostos pela sociedade. Logo, a roupa, como os indivíduos, não possui gênero, mas acaba por receber tais atribuições. Seguindo, portanto, os padrões normativos impostos pelo poder, segundo Foucault (2021). Portanto, à medida em que essa heteronormatividade compulsória influencia até na maneira como as pessoas se vestem, o surgimento de uma vanguarda *queer* no campo da moda tem influenciado algumas pessoas a expressarem suas identidades de gênero, subvertendo, possivelmente, a normalização imposta sobre corpos e roupas no processo.

Contudo, para melhor compreender o processo onde a roupa poderia ser utilizada como uma ferramenta de subversão à heteronormatividade, se faz necessário saber o que é identidade de gênero. Assim sendo, introduz-se o modelo de identidade proposto por Stuart Hall (2006), onde o autor, através de um quadro teórico, apresenta a maneira como indivíduos percebem a si mesmo ou são percebidos pelos outros, em um contexto social e cultural. Um exemplo, dos diferentes tipos de identidades abordadas é a identidade nacional. Em suas comparações, Hall (2006) utiliza essa identidade como exemplo quando pontua que:

Ao nos definirmos, algumas vezes dizemos que somos ingleses ou galeses ou indianos ou jamaicanos. Obviamente, ao fazer isso estamos falando de forma metafórica. Essas identidades não estão literalmente impressas em nossos genes. Entretanto, nós efetivamente pensamos nelas como se fossem parte de nossa natureza essencial (HALL, 2006, p. 47).

Assim sendo, pode-se considerar que ao tomarmos para nós determinada identidade passamos a permitir que influencie em determinados aspectos da nossa vida e na maneira como nos vestimos. Como, por exemplo, um torcedor de determinado time de futebol utilizando a camiseta do clube ou uma menina trajando um vestido para comparecer a uma festa infantil. Em seguida, o autor apresenta

suas três concepções simplificadas de identidade, o sujeito do Iluminismo, o sujeito sociológico e o sujeito pós-moderno, e, a partir dessas concepções Hall (2006) argumenta que estes três tipos de identidade contribuem, ou contribuíram, para uma compreensão de como os indivíduos formam seu autoconhecimento, seu senso próprio, e como esse “eu” é transformado por fatores externos e internos.

As concepções de Hall explicam como e porque os sujeitos se organizam de maneira coletiva, em especial a concepção identitária do sujeito pós-moderno.

Esse processo produz o sujeito pós-moderno, conceptualizado como não tendo uma identidade fixa, essencial ou permanente. A identidade torna-se uma “celebração móvel”: formada e transformada continuamente em relação às formas pelas quais somos representados ou interpelados nos sistemas culturais que nos rodeiam (HALL, 2006, p. 12).

Tal ponto conversa com o pensamento de Judith Butler (2021), em que ela traz conceitos envolvendo papéis de gênero, tema que será abordado posteriormente.

Assim sendo, Hall continua afirmando que a identidade: “é definida historicamente, e não biologicamente.” (2006, p.13). Isso se refere ao senso próprio singular que cada indivíduo possui, que é formado a partir de experiências pessoais, memórias e características inerentes a cada sujeito. Quando acrescentamos o gênero à identidade pessoal e pós-moderna, percebe-se que é uma questão complexa, intrinsecamente ligada ao entendimento interno do indivíduo sobre si e sobre o seu próprio gênero, incluindo a perspectiva de sentir-se masculino, feminino, ambos ou algo fora dessa dualidade binária. Portanto, o conceito de identidade de gênero vai além do que tange às normas sociais e culturais impostas pela normalização, isso porque é uma entendimento profundo dos indivíduos sobre si mesmos.

Isto não significa que nos tempos pré-modernos as pessoas não eram indivíduos mas que a individualidade era tanto “vívda” quanto “conceptualizada” de forma diferente. As transformações associadas à modernidade libertaram o indivíduo de seus apoios estáveis nas tradições e nas estruturas. Antes se acreditava que essas eram divinamente estabelecidas; não estavam sujeitas, portanto, a mudanças fundamentais. O status, a classificação e a posição de uma pessoa na “grande cadeia do ser” — a ordem secular e divina das coisas — predominavam sobre qualquer sentimento de que a pessoa fosse um indivíduo soberano (HALL, 2006, p. 25).

Deste modo, levando em consideração as pontuações sobre identidade realizadas por Hall (2006), pode-se perceber que, assim como a normalização e a lógica do poder de Foucault (2021), as identidades culturais, coletivas e, até mesmo, individuais de cada sujeito eram determinadas pela “grande cadeia do ser”, contudo, Hall (2006) complementa que na pós-modernidade essas identidades adquiriram certa maleabilidade em relação ao todo, criando-se, assim, uma fragmentação das ideias tradicionalistas de identidade.

Quando acrescentamos o gênero a esse contexto identitário trabalhado pelo autor, levando em consideração o fato de o conceito de identidade cultural abranger a maneira como os indivíduos alinham-se com as normas sociais e culturais, podemos concluir que essas normas se estendem, também, a questões relacionadas com gêneros, papéis de gênero e sexualidades. Assim como, podem englobar expectativas predominantes no seu contexto sociocultural e isso inclui aderir ou desafiar papéis tradicionais de gênero. Portanto, neste estudo, quando abordado o conceito de identidade de gênero, ele será definido pelos pontos abordados nesta discussão.

Com o conceito de identidade de gênero estabelecido podemos, enfim, continuar com Butler (2021), que vai além dos aspectos trabalhados por Hall (2006) em relação às identidades, entretanto, a autora analisa de uma perspectiva voltada, totalmente para o gênero. Isso acontece porque ela ressalta que a identidade é performativamente constituída, ou seja, Butler (2021) afirma que os indivíduos, através da representação e da repetição, performatizam os papéis de gênero impostos pela sociedade. Por sua vez, esses papéis de gênero são tidos como naturais e biológicos, no caso do sexo, ou identitários, como em relação ao gênero.

Porém, segundo Butler (2021), ambos, gênero e sexo, são construções sociais performatizadas pelos indivíduos. Isso acontece porque, para a autora, sexo e gênero são partes dessa heteronormatividade compulsória, o que Butler (2021) vê como uma prova da existência dessa construção das identidades. Como a indumentária, que os indivíduos utilizam, é formulada para vestir os seus corpos, que performatizam gênero, podemos considerar que as roupas e acessórios são tidas como instrumentos da performatização, ou seja, são um dos aspectos abordados pelos membros de uma sociedade para definir como querem ser vistos pelos demais.

Se o caráter imutável do sexo é contestável, talvez o próprio construto chamado 'sexo' seja tão culturalmente construído quanto o gênero; a rigor, talvez o sexo sempre tenha sido o gênero, de tal forma que a distinção entre sexo e gênero revela-se absolutamente nenhuma. Se o sexo é, ele próprio, uma categoria tomada em seu gênero, não faz sentido definir o gênero como a interpretação cultural do sexo (BUTLER, 2021, p. 27).

Assim, podemos considerar que se o sexo e o gênero são a mesma coisa e não são naturais ao indivíduo, mas construídos pela sociedade. A existência de corpos e, por consequência, vestimentas que fogem do padrão heteronormativo já é uma prova de que essa binariedade masculino-feminino não é absoluta e incontestável. É a partir dessa lógica que Preciado (2014) argumenta que a subversão de gênero é um processo contínuo e incessante onde identidades de gênero com menos visibilidade podem resistir à normalização binária. Preciado (2014) reforça essa lógica quando argumenta que:

A natureza humana é um efeito da tecnologia social que reproduz nos corpos, nos espaços e nos discursos a equação natureza = heterossexualidade. O sistema heterossexual é um dispositivo social de produção de feminilidade e masculinidade que opera por divisão e fragmentação do corpo; recorta órgãos e gera zonas de alta intensidade sensitiva e motriz (visual, tátil, olfativa...) que depois identifica como centros naturais e anatômicos da diferença sexual (PRECIADO, 2014, p. 25).

Para Preciado (2014), portanto, essas identidades de gênero consideradas anormais representam o desvio daquilo que é padrão, daquilo que é normativo e, por isso, são, em sua individualidade, agentes políticos. Esses gêneros subvertem apenas por existirem, eles afrontam a normalização por serem como são.

Com a vontade de desnaturalizar e desmitificar as noções tradicionais de sexo e de gênero, a contrassexualidade tem como tarefa prioritária o estudo dos instrumentos e dos dispositivos sexuais e, portanto, das relações de sexo e de gênero que se estabelecem entre o corpo e a máquina (PRECIADO, 2014, p. 25).

Deste modo, o autor propõe que a “(hetero)sexualidade, longe de surgir espontaneamente de cada corpo recém-nascido, deve se reinscrever ou se reinstruir” (PRECIADO, 2014, p. 26). Essa “reinscrição” mencionada por Preciado (2014) deve ser realizada através da identificação das ditas falhas na estrutura “natural” do que é tido como binariedade de gêneros e, após isso, a partir da fortificação do que é tido como desvio em relação à própria heteronormatividade.

Dessa maneira, segundo o autor, será possível subverter essa normalização binária. Vale lembrar que essa subversão não precisa ser necessariamente ativa, pois é possível alcançá-la apenas com a existência de corpos e sexualidades não binários. Por fim, Preciado traz um exemplo desse processo:

A contrassexualidade tem como tarefa identificar os espaços errôneos, as falhas da estrutura do texto (corpos intersexuais, hermafroditas, loucas, caminhoneiras, bichas, sapas, bibas, fanchas, butchs, histéricas, saídas ou frígidas, hermafrodykes...) e reforçar o poder dos desvios e derivações com relação ao sistema heterocentrado (PRECIADO, 2014, p. 27).

Para complementar o conceito de subversão de gênero temos, também, a contribuição de Butler (2021) que salienta como tudo aquilo que foge da heteronormatividade é importante para a subversão dessa normalização binária. Um exemplo disso é a definição do termo “mulher”, que dentro de vários movimentos feministas já foi reformulado muitas vezes e passou, em alguns casos, a ser diferente da feminilidade submissa imposta ao termo pela heteronormatividade.

Contudo, de que maneira a roupa é utilizada para servir como ferramenta dessa subversão? Para entender isso teremos que acompanhar o pensamento de Simmel (2006) sobre os conceitos de sociedade e interações sociais. O autor coloca que a sociedade é fruto das relações entre os atores sociais, que são os indivíduos. Isso fica claro quando ele diz:

Sociedade é, assim, somente o nome para um círculo de indivíduos que estão, de uma maneira determinada, ligados uns aos outros por efeito das relações mútuas, e que por isso podem ser caracterizados como uma unidade da mesma maneira que se considera uma unidade um sistema de massas corporais que, em seu comportamento, se determinam plenamente por meio de suas influências recíprocas (SIMMEL, 2006, p.18).

Portanto, levando em consideração o fato da sociedade ser, em suma, um grupo de indivíduos ligados entre si pelas relações que compartilham, assim, Simmel (2006) completa que a sociação nada mais é que a maneira como os indivíduos, nessas sociedades, emitem, ou recepcionam, ações físicas, influências, relacionamentos etc, entre seus semelhantes. Nas palavras do autor:

A sociação é, portanto, a forma (que se realiza de inúmeras maneiras distintas) na qual os indivíduos, em razão de seus interesses – sensoriais, ideais, momentâneos, duradouros, conscientes, inconscientes, movidos pela causalidade ou teleologicamente determinados, se desenvolvem conjuntamente em direção a uma unidade no seio da qual esses interesses se realizam. Esses interesses sejam eles sensoriais, ideais, momentâneos, duradouros, conscientes, inconscientes, causais ou teleológicos, formam a base da sociedade humana (SIMMEL, 2006, p. 60).

Em vista disso, considerando como a sociação influencia os indivíduos, podemos concluir que a moda é uma maneira de sociação, dessa forma, podendo influenciar a vida das pessoas em relação à maneira que decidem performatizar suas identidades. Ainda, de encontro a isso, pode-se acrescentar o pensamento de Lipovetsky (2009) que aponta, nas sociedades contemporâneas, como a moda interfere na vida dos indivíduos, influenciando-os em diversos aspectos sociais e econômicos dos seus cotidianos. Por isso, Lipovetsky coloca que “a moda não pode ser identificada à simples manifestação das paixões vaidosas e distintivas; ela se torna uma instituição excepcional, altamente problemática, uma realidade sócio-histórica característica do Ocidente e da própria modernidade” (LIPOVETSKY, 2009, p. 14).

Giddens (2002) conversa indiretamente com a lógica apresentada por Lipovetsky quando afirma que:

A roupa e a identidade social não estão hoje inteiramente dissociadas, e a primeira continua sendo um instrumento de sinalização do gênero, da posição de classe e do status ocupacional. Modos de vestir são influenciados por pressões de grupo, propaganda, recursos socioeconômicos e outros fatores que muitas vezes promovem a padronização mais que a diferença individual (GIDDENS, 2002, p. 96).

Pode-se considerar, então, que a moda tem o “poder” de se sobrepor à individualidade de cada um, pressionando os indivíduos a reproduzirem, nas roupas e acessórios, identidades sociais e maneiras de se expressar em massa. Perpetuando, assim, um ou vários padrões a serem seguidos e, nesse processo de padronização, acaba-se inibindo a exteriorização de suas identidades de gênero transmitidas através da roupa.

Por outro lado, Polhemus (2012) introduz o conceito de antimoda, afirmando que “se refere a todos os estilos de adornos que não se encaixam no sistema organizado das mudanças de moda” (p. 43, tradução própria). Em outras palavras,

Polhemus (2012) parte do princípio de que grupos sociais (sejam eles povos indígenas, metrosssexuais ou *hippies*) são grupos com um estilo antimoda. Sendo que estes simbolizam “o que nós somos” — o que o grupo representa — aplicando-se, portanto, a quaisquer tipos de grupos sociais que partilhem um estilo específico e único. Isto é, independente do tamanho ou influência destes grupos, basta que compartilhem um sentimento de pertencimento entre si.

Ademais, Polhemus (2012) esclarece que essas características específicas na maneira de se vestir que os grupos com estilo antimoda compartilham são exclusivas de determinado grupo, não podendo serem compartilhadas com outro grupo que não seu grupo social de origem. Isso fica claro quando o autor constata que:

Por menor que seja um grupo, os seus membros tentarão sempre desenvolver um estilo visual – “nossa fantasia” – com o qual se possam anunciar como grupo. Por exemplo, as sociedades tradicionais na Grécia, Roménia, Baviera e vários outros países foram (e em muitos lugares ainda são) subdivididas em várias aldeias (POLHEMUS, 2012, pp. 56-57, tradução própria).

Portanto, a partir do conceito de antimoda, grupos sociais não heteronormativos unem-se reafirmando suas vestimentas e seus corpos. Ao fazerem isso acabam por assumir condição de transgressores ou subversores em relação à moda heteronormativa.

Assim sendo, a moda, como uma instituição que possui a capacidade de influenciar os atos dos indivíduos, pode servir tanto como um método de padronização, reforçando a heteronormatividade dominante em nossa sociedade, quanto como ferramenta de subversão à heteronormatividade. Portanto, esta pesquisa pretende elucidar se a subversão, nestes parâmetros, realmente existe. Possibilitando, desta forma, elucidar o objetivo deste estudo, que consiste em compreender a influência da vestimenta, como instrumento de subversão, em relação às construções sociais, e à normalização, criadas sobre identidades de gênero e sexualidade no cenário noturno de Pelotas.

Antes de esclarecer mais sobre a metodologia que será utilizada no processo de análise, é importante ressaltar que os locais escolhidos para selecionar os indivíduos analisados foram bares, casas de festa, ou seja, localidades de movimento noturno no geral. Essa escolha foi tomada ao seguir a lógica da

performatividade de Butler (2021), onde as pessoas utilizam da performatividade para reproduzir a maneira como desejam ser vistas pelos demais, portanto, cenários noturnos são perfeitos para isso.

## **2. Contextualização metodológica**

Neste capítulo será realizada a apresentação e abordagem dos dados coletados, assim como sua análise, através da metodologia elaborada por Mendes (2019) em seu estudo sobre análise de imagens fixas. O processo analítico será sucedido pela síntese e correlação dos resultados da análise, de modo que após a conclusão da síntese, seja possível dividir os sujeitos envolvidos no estudo em grupos definidos a partir da autoidentificação e da vestimenta que cada um apresenta nas imagens.

Contudo, antes de explicar o processo de análise dos dados, é importante especificar quais são e como foram coletados. As imagens foram feitas em bares e festas da cidade de Pelotas, essencialmente em ambientes que funcionam durante a noite, entre os dias 5 a 23 do mês de março de 2023. Especificamente, algumas foram tiradas nos bares espalhados pelos arredores das ruas Dom Pedro II e Gonçalves Chaves, na região central da cidade de Pelotas, a segunda localidade foi a Tributo, uma casa de festas localizada, também, na rua Gonçalves Chaves, também no centro de Pelotas.

As imagens foram coletadas com autorização do uso das mesmas e as identidades dos indivíduos fotografados serão preservadas. Não houve critério na seleção dos indivíduos que iriam participar da pesquisa, de modo que, após serem abordados de maneira aleatória, receberam uma explicação do que se tratava a pesquisa e um convite para fazerem parte dela.

Os dados foram coletados nestas condições devido ao conceito de performatividade apresentado por Butler (2021). Onde os sujeitos, através da repetição e imitação, demonstram ao “mundo” como desejam ser vistos. Ao estender essa necessidade à vestimenta, que nos ambientes noturnos é uma das principais maneiras de mostrar-se aos demais, percebe-se como papéis de gênero estão atrelados à maneira como os indivíduos se vestem e, por consequência, são

uma ferramenta importante para desvendar se existe ou não subversão da heteronormatividade.

Além das imagens, para a metodologia de análise apresentada por Mendes (2019) fazem-se necessários alguns dados contextuais, como a História da Arte da imagem ou daqueles representados nela. Por isso, juntamente à coleta da imagem, alguns dados, como autoidentificação, idade, situação acadêmica e/ou profissional, foram solicitados a cada um dos participantes. Desta maneira, será possível realizar uma análise precisa.

Assim sendo, será necessário entender os preceitos básicos da metodologia de análise proposta por Mendes (2019). O autor nos convida a “pensar as imagens como signos (representações imperfeitas da realidade) que adquirem seu significado ou valor a partir de sua inserção no bojo de um sistema mais amplo de codificações sociais e culturais” (MENDES, 2019, p. 17). Dessa maneira, é necessário, ao realizar a análise dos dados, fazê-lo de uma perspectiva que contemple os conceitos, teorias e entendimentos apresentados no capítulo anterior. Uma vez que há necessidade de amparo teórico na análise das imagens fixas e para que sejam percebidas a partir do escopo teórico desta pesquisa, é preciso garantir que na análise sejam levadas em consideração as “codificações sociais e culturais” (MENDES, 2019, p. 17) apresentadas, as quais os indivíduos estão inseridos. Assim sendo, poder-se-á, a partir da análise focada, direcionar a pesquisa de maneira que converse com as ideias de vestimenta, performatividade de gênero, heteronormatividade e subversão.

Esse método se constitui basicamente de dois momentos, o primeiro, em que predomina a “objetividade”, considerando o tipo de objetividade possível que mencionamos anteriormente; e outro, mais subjetivo, no qual o analista faz uso das sugestões e redundâncias percebidas no primeiro momento, comparando-as com os dados de contexto (interno e externo à imagem) também levantados no primeiro momento. O primeiro momento tem um caráter analítico, já no segundo momento predomina o caráter sintético (MENDES, 2019, p. 21).

Portanto, “conta, basicamente, com uma etapa descritivo-analítica e outra sintética” (MENDES, 2019, p. 21), ou seja, em um primeiro momento irei identificar os elementos que fazem parte da imagem, com enfoque nas vestimentas, e corpos, dos indivíduos. Neste passo, seguindo os ensinamentos de Mendes (2019), “o objeto de análise deve ser abordado na sua particularidade, evidenciando o poder

“denotativo” das figuras” (MENDES, 2019, p. 22). O autor destaca a importância em enumerar com precisão os elementos para assegurar “o sucesso do levantamento iconográfico e da contextualização dos signos nos momentos seguintes” (MENDES, 2019, p. 22).

O procedimento consiste, primeiramente, em identificar e numerar os elementos/signos relevantes que compõem as imagens analisadas. Cada um desses elementos é então trabalhado em sua particularidade através da construção de um quadro no qual são apresentadas as suas qualidades e o que indicam, sugerem e/ou representam (MENDES, 2019, p. 23).

De maneira paralela à análise e descrição do objeto, uma tabela onde “informações relevantes são visualizadas de maneira mais clara do que em um texto descritivo” (MENDES, 2019, p. 23), será desenvolvida para contemplar e registrar os elementos presentes em cada imagem. Assim, teremos como mapear as vestimentas, corpos e demais informações relevantes para esta pesquisa. Com o quadro concluído, Mendes (2019) orienta que é necessário avaliar a composição e aspectos formais dos signos através da observação do pensamento imagético, aquele pensamento que se exprime por imagens.

O passo seguinte consiste em pesquisar sobre as representações ligadas a esses signos na sociedade em que foi produzida a imagem e também na sociedade em que ela está sendo veiculada. Devem ser consideradas a iconografia e as representações mais estáveis associadas a esses signos, além do diálogo com outras imagens da História da Arte e da própria série (se for o caso). Também interessam os dados sobre aquele a quem é atribuída a obra, dados da sua vida e seu estilo que possam estar relacionados de alguma forma com a imagem (MENDES, 2019, pp. 24-25).

Após realizar a avaliação da composição dos signos que estão presentes em cada uma das figuras que compõem a série de imagens, avançarei para a próxima etapa. Onde, em cada uma das tabelas e na descrição das imagens, irei acrescentar os dados coletados através dos áudios, cujas transcrições estão disponíveis no apêndice A, de modo que essas informações transmitidas, de maneira oral, no momento em que a imagem foi feita, possam agregar na análise e síntese das informações presentes nas figuras. Desse modo, será considerada na pesquisa a informação mais relevante a ser introduzida através dos dados presentes nos áudios, que é a autoidentificação dos indivíduos fotografados. Tendo em vista que cada sujeito possui perspectiva própria sobre como se vê e, também, o

que busca performatizar, serão apresentadas as autoidentificações da maneira que cada indivíduo expressou, uma vez que se trata de uma classificação pessoal de cada um dos participantes da pesquisa.

Assim sendo, estes componentes contextualizadores irão auxiliar na análise precisa do que é transmitido pelas imagens. Isso porque, para Butler (2021), a performatividade de gênero se dá pelas construções sociais criadas em torno dos papéis de gênero e, portanto, informações como a autoidentificação dos indivíduos fotografados, idade e local onde a foto foi tirada. Todas essas informações são importantes para entender o contexto em que a imagem está inserida.

Alcançarei, neste ponto, o fim da parte objetiva do método apresentado por Mendes (2019) e iniciarei a etapa subjetiva, que possui caráter sintético. Mendes (2019, p. 26) afirma que: “Assim, no último momento da análise – a interpretação –, o analista buscará compreender o que os signos dispostos no espaço da imagem representam naquele contexto específico que é a imagem”. Portanto, o primeiro passo para realizar a síntese de maneira eficaz consiste em selecionar as informações relevantes coletadas nas etapas anteriores. Contrapondo-as, em seguida, entre si e, além disso, comparando-as, também, com as informações relacionadas à imagem, conforme sinalizado pelo autor:

Para isso, o analista deve selecionar e editar as informações que considerou relevantes ao longo das outras etapas e, em especial, deve procurar relacionar comparativamente o que foi sugerido pelas qualidades físicas dos elementos e as informações contextuais levantadas, verificando, agora, se suas impressões iniciais se confirmam ou não (MENDES, 2019, pp. 26-27).

Em seguida à confirmação, ou não, das primeiras impressões, dá-se a conclusão da tabela, conforme Mendes (2019, p. 27): “com o preenchimento da última coluna (o que o elemento destacado representa no contexto da imagem)”.

Por fim, a última parte do processo subjetivo, e etapa final da análise metodológica, é a interpretação do resultado de todas as etapas anteriores, a tabela referente à imagem está inclusa nesse processo de interpretação. Essa “análise de caráter hermenêutico” (MENDES, 2019, p. 28) é a etapa final e, após ela, será possível concluir a pesquisa.

## 2.1 Análise e síntese dos dados

Assim sendo, neste subcapítulo, abordarei os dados coletados e realizarei a análise das imagens conforme o método desenvolvido por Mendes (2019). Portanto, segue a primeira imagem a ser analisada:

**Figura 1**



Fonte: elaborado pelo autor (2023).

Isto posto, podemos iniciar a análise e o desenvolvimento do quadro descritivo/qualitativo e sugestivo da figura 1. Sendo o sujeito representado na imagem considerado o elemento 1. Todos os aspectos performativos na vestimenta, e no corpo, do indivíduo, representado na imagem, serão decompostos. Ademais, após decomposição, cada elemento passará por uma etapa de qualificação, será necessário observar com cuidado suas características, buscando identificar as qualidades e o que cada uma delas pode sugerir. Lembrando que as sugestões resultantes da decomposição do elemento serão apresentadas a partir de uma perspectiva heteronormativa, pois, dessa maneira, faz-se mais fácil identificar se existe, ou não, subversão a partir da maneira como cada um dos indivíduos performatiza seus papéis de gênero e sexualidade através da vestimenta.

Quadro 1

| Elementos Seleccionados | Decomposição |                   | Qualificação                       | Sugere                             | Código Interno da Imagem                                                                               |
|-------------------------|--------------|-------------------|------------------------------------|------------------------------------|--------------------------------------------------------------------------------------------------------|
| Elemento                | Corpo        | Autoidentificação | mulher                             | feminilidade                       | mulher utilizando vestimentas consideradas dentro do espectro binário de gêneros (heteronormatividade) |
|                         |              | Cabelo            | longo                              | unissex/<br>assoc. figura feminina |                                                                                                        |
|                         |              | Maquiagem         | olhos e boca (leve)                | feminilidade                       |                                                                                                        |
|                         |              | Barba             | não possui                         | unissex/feminilidade               |                                                                                                        |
|                         |              | Mãos              | unhas pintadas (branco)            | unissex/assoc.<br>figura feminina  |                                                                                                        |
|                         |              | Pés               | unhas pintadas (branco)            | feminilidade                       |                                                                                                        |
|                         | Vestuário    | Superior          | vestido curto e justo              | feminilidade                       |                                                                                                        |
|                         |              | Inferior          | vestido curto e justo              | feminilidade                       |                                                                                                        |
|                         |              | Calçados          | sandália, plataforma, cor de rosa  | feminilidade                       |                                                                                                        |
|                         | Acessórios   | Óculos            | arredondado, armação delicada      | feminilidade/unissex               |                                                                                                        |
|                         |              | Pulso Esq.        | relógio dourado e delicado         | assoc. figura feminina             |                                                                                                        |
|                         |              | Pulso Dir.        | pulseira dourada, corrente pequena | unissex                            |                                                                                                        |

Fonte: elaborado pelo autor (2023).

É possível perceber, através das vestimentas do indivíduo, que existe uma redundância quanto à sugestão do gênero feminino em suas roupas, acessórios etc. Além disso, há também aspectos, como a autoidentificação do indivíduo: “Eu me identifico como mulher” (A1, p. 48), e o conceito de performatividade apresentado por Butler (2021), a serem considerados na análise completa da imagem. Podemos, assim, considerar que existem indícios de performatização, onde o papel de gênero feminino e, logo, binário, ou heteronormativo, parece estar sendo representado.

Vale lembrar que apesar da sugestão breve ao unissex, termo que “se refere a roupas que abarcam os dois gêneros, sem elementos classificadores” (MENEZES e BECCARI, 2021, p. 222), não parece haver neutralidade de gênero neste caso devido à redundância predominante do feminino nos demais aspectos decompostos. Em outras palavras, as sugestões de elementos unissex parecem não interferir na sugestão ao feminino que a vestimenta performatiza. De modo que muitas coisas tidas como unissex são resultado da ampliação, através da subversão, do que é considerado feminino, masculino ou comum aos gêneros binários. Preciado reforça

essa ideia quando afirma que: “não precisamos de uma origem pura da dominação masculina e heterossexual para justificar uma transformação radical dos sexos e dos gêneros. Não há razão histórica que poderia legitimar as mudanças em curso” (2014, p. 23). Outro tópico importante, e que deve ser considerado, é que para uma vestimenta ser considerada normativa, esta precisa sugerir características relacionadas ao mesmo gênero do corpo que a veste.

Portanto, o código interno da imagem, ou o que ela parece indicar no contexto em que foi analisada, é heteronormatividade. Isto é, o indivíduo, autoidentificado como uma mulher cisgênero, utiliza roupas, adereços etc, que aludem ao gênero feminino. Dessa forma, não aparenta haver subversão, uma vez que, segundo Preciado (2014), a contrassexualidade, ou a subversão da normatividade, se dá através da desnaturalização do gênero e do sexo. Ao aplicar esse sentido à vestimenta, que é uma extensão do gênero performatizado, podemos sugerir que o indivíduo na figura 1 está dentro desses padrões naturais e, portanto, não está utilizando a sua vestimenta como um instrumento de subversão.

**Figura 2**



Fonte: elaborado pelo autor (2023).

Quadro 2

| Elementos Seleccionados | Decomposição |                   | Qualificação                                 | Sugere                             | Código Interno da Imagem                                               |
|-------------------------|--------------|-------------------|----------------------------------------------|------------------------------------|------------------------------------------------------------------------|
| Elemento                | Corpo        | Autoidentificação | mulher                                       | feminino                           | mulher trajada correspondendo ao gênero feminino (heteronormatividade) |
|                         |              | Cabelo            | longo (solto)                                | unissex/<br>assoc. figura feminina |                                                                        |
|                         |              | Mãos              | unhas curtas                                 | masculino                          |                                                                        |
|                         | Vestuário    | Superior          | curta/ <i>cropped</i>                        | feminilidade                       |                                                                        |
|                         |              | Inferior          | saia longa e justa                           | feminilidade                       |                                                                        |
|                         |              | Calçados          | sandália, rasteira, preta                    | feminilidade                       |                                                                        |
|                         | Acessórios   | Óculos            | preto, armação grossa                        | unissex                            |                                                                        |
|                         |              | Bolsa             | estampa, tamanho pequeno, formato retangular | assoc. figura feminina             |                                                                        |

Fonte: elaborado pelo autor (2023).

Ao observarmos a figura 2 e, em seguida, o quadro 2 percebemos que, assim como na figura 1, há redundância na sugestão do feminino a partir das vestimentas do indivíduo. Esse aspecto de feminilidade, associado a grande parte das roupas e acessórios utilizados pelo sujeito, é um indicativo de que o indivíduo parece empregar, mesmo que inconscientemente, à vestimenta certa performatividade feminina. Levando em consideração que o indivíduo da figura 2 se autoidentifica como uma “Eu tenho 22 anos. 23 na verdade e sou estudante da UFPel e sou mulher” (A2, p. 48), apresenta-se, por consequência, de maneira heteronormativa.

Ainda que existam características que sugerem masculinidade ou unissex separadamente, são aspectos pouco relevantes quando incorporados juntos à figura 2. Sendo assim, como no caso da figura 1, não parece haver subversão ou desnaturalização da normatividade imposta sobre a vestimenta e o corpo do sujeito.

**Figura 3**

Fonte: elaborado pelo autor (2023).

**Quadro 3**

| Elementos Seleccionados | Decomposição |                   | Qualificação                     | Sugere                                 | Código Interno da Imagem                 |
|-------------------------|--------------|-------------------|----------------------------------|----------------------------------------|------------------------------------------|
| Elemento                | Corpo        | Autoidentificação | homem e hetero                   | masculino                              | homem vestido de maneira heteronormativa |
|                         |              | Cabelo            | curto/inexistente                | assoc. figura masculina                |                                          |
|                         |              | Barba             | longa e cheia                    | masculinidade                          |                                          |
|                         | Vestuário    | Superior          | camisa xadrez, despojada         | unissex/masculina                      |                                          |
|                         |              | Inferior          | calça larga, tom sóbrio, folgada | masculinidade                          |                                          |
|                         |              | Calçados          | tênis, básico                    | unissex                                |                                          |
|                         | Acessórios   | Boné              | virado para trás                 | unissex/<br>masculinidade (por assoc.) |                                          |

Fonte: elaborado pelo autor (2023).

**Figura 4**

Fonte: elaborado pelo autor (2023).

**Quadro 4**

| Elementos Seleccionados | Decomposição |                   | Qualificação                      | Sugere                | Código Interno da Imagem                                  |
|-------------------------|--------------|-------------------|-----------------------------------|-----------------------|-----------------------------------------------------------|
| Elemento                | Corpo        | Autoidentificação | homem, heterossexual              | masculinidade         | homem heterossexual, vestimenta binária (heteronormativo) |
|                         |              | Cabelo            | curto                             | masculinidade         |                                                           |
|                         |              | Barba             | bigode                            | masculinidade         |                                                           |
|                         | Vestuário    | Superior          | camadas, camisa xadrez, despojada | unissex/masculinidade |                                                           |
|                         |              | Inferior          | larga, tom neutro                 | masculinidade         |                                                           |
|                         |              | Calçados          | tênis, largo e despojado          | unissex/masculino     |                                                           |
|                         | Acessórios   | Óculos            | armação quadrada e estreita       | unissex               |                                                           |

Fonte: elaborado pelo autor (2023).

De maneira semelhante às imagens anteriores, figura 1 e figura 2, vê-se redundância, contudo, essa repetição tende à masculinidade, nas figuras 3 e 4, ao invés da feminilidade, como constatado nos cenários anteriormente analisados. O fato de estarem vestindo peças com estampas, tons, tecidos e formatos

semelhantes é algo interessante, pois evidencia a semelhança entre a maneira que performatizam masculinidade através das vestimentas e reforçam o pensamento apresentado por Giddens (2002), onde os indivíduos têm suas individualidades padronizadas pela instituição que é a moda. Ademais, ambos os indivíduos se autoidentificam da mesma maneira. Os indivíduos nas figuras 3 e 4 afirmaram ser, respectivamente, “Como hétero. Homem e hetero” (A3, p. 49) e “Como me identifico... Hum... Homem heteossexual” (A4, p. 49), o que, combinado à sugestão de vestimenta predominantemente masculina, leva-nos a perceber que as figuras 3 e 4 indicam normatividade binária em relação às roupas e acessórios.

Todavia, um ponto curioso que pode ser observado nas figuras 3 e 4 é a barba dos indivíduos, especificamente na figura 3, onde a barba é cheia e grande. Isso porque, apesar de ser um aspecto que performatiza masculinidade, não necessariamente é sinal de heteronormatividade. Em outras palavras, existe a possibilidade de tensionar a barba e o bigode enquanto performatividade, porque, ao mesmo tempo em que afirmam masculinidade, também aludem a um estereótipo ou padrão estético homossexual. Criando, então, essa oposição, onde, ao mesmo tempo, pode não performatizar ou performatizar a normatividade binária.

Dessa forma, apesar da dicotomia presente em alguns aspectos da maneira como os indivíduos se apresentam, não há desmistificação aparente do que é tido como uma vestimenta tradicional ao gênero masculino. Não podemos afirmar, portanto, que há subversão por parte dos indivíduos das figuras 3 e 4 em relação à maneira que se vestem.

Figura 5



Fonte: elaborado pelo autor (2023).

Quadro 5

| Elementos Seleccionados | Decomposição |                   | Qualificação                | Sugere                             | Código Interno da Imagem                                                        |
|-------------------------|--------------|-------------------|-----------------------------|------------------------------------|---------------------------------------------------------------------------------|
| Elemento                | Corpo        | Autoidentificação | mulher cis, hetero          | feminilidade                       | indivíduo do gênero feminino vestido de maneira normativa (heteronormatividade) |
|                         |              | Cabelo            | longo (solto)               | unissex/<br>assoc. figura feminina |                                                                                 |
|                         |              | Maquiagem         | sem maquiagem               | unissex/<br>masculinidade (assoc.) |                                                                                 |
|                         |              | Mãos              | unhas pintadas (tom escuro) | unissex ou feminino (assoc.)       |                                                                                 |
|                         |              | Pés               | unhas pintadas (tom escuro) | feminino (assoc.)                  |                                                                                 |
|                         | Vestuário    | Superior          | blusa curta/estilo top      | feminilidade                       |                                                                                 |
|                         |              | Inferior          | saia longa, fendada         | feminilidade                       |                                                                                 |
|                         |              | Calçados          | sandália, plataforma, preta | feminilidade                       |                                                                                 |
|                         | Acessórios   | Jóias             | douradas, delicadas         | feminilidade                       |                                                                                 |
|                         |              | Bolsa             | bolsa transversal no ombro  | feminilidade                       |                                                                                 |

Fonte: elaborado pelo autor (2023).

Figura 6



Fonte: elaborado pelo autor (2023).

Quadro 6

| Elementos Seleccionados | Decomposição |                   | Qualificação                           | Sugere                             | Código Interno da Imagem                                                                            |
|-------------------------|--------------|-------------------|----------------------------------------|------------------------------------|-----------------------------------------------------------------------------------------------------|
| Elemento                | Corpo        | Autoidentificação | mulher                                 | feminilidade                       | vestimenta dentro da binariedade de gênero, mulher performatizando o feminino (heteronormatividade) |
|                         |              | Cabelo            | comprimento médio (parcialmente preso) | unissex/<br>assoc. figura feminina |                                                                                                     |
|                         |              | Maquiagem         | leve                                   | unissex/<br>feminilidade (assoc.)  |                                                                                                     |
|                         | Vestuário    | Superior          | estilo <i>top</i> , pele à mostra      | feminilidade                       |                                                                                                     |
|                         |              | Inferior          | tecido jeans, justa, jovial            | feminilidade                       |                                                                                                     |
|                         |              | Calçados          | sandália, plataforma, verde vibrante   | feminilidade                       |                                                                                                     |
|                         | Acessórios   | Tornozeleira      | conchas, delicada                      | feminilidade                       |                                                                                                     |
|                         |              | PulsoEsq.         | sortido de pulseiras, colorido         | unissex                            |                                                                                                     |

Fonte: elaborado pelo autor (2023).

**Figura 7**

Fonte: elaborado pelo autor (2023).

**Quadro 7**

| Elementos Seleccionados | Decomposição |                   | Qualificação                | Sugere                             | Código Interno da Imagem                           |
|-------------------------|--------------|-------------------|-----------------------------|------------------------------------|----------------------------------------------------|
| Elemento                | Corpo        | Autoidentificação | mulher                      | feminino                           | mulher vestida de maneira feminina (normatividade) |
|                         |              | Cabelo            | longo (solto)               | unissex/<br>assoc. figura feminina |                                                    |
|                         |              | Maquiagem         | leve                        | feminilidade (assoc.)              |                                                    |
|                         |              | Mãos              | unhas pintadas (tom escuro) | unissex ou feminino (assoc.)       |                                                    |
|                         | Vestuário    | Superior          | curta/estilo <i>cropped</i> | feminilidade                       |                                                    |
|                         |              | Inferior          | curta, justa, jeans         | feminilidade                       |                                                    |
|                         |              | Calçados          | tênis, branco, simples      | unissex                            |                                                    |
|                         | Acessórios   | Colar             | delicado, pingente          | feminilidade                       |                                                    |
|                         |              | Pulseira          | branca, delicada            | unissex                            |                                                    |
|                         |              | Relógio           | discreto                    | unissex                            |                                                    |

Fonte: elaborado pelo autor (2023).

Os indivíduos representados nas figuras 5, 6 e 7 também apresentam diversas características femininas individualmente, reforçando a redundância em relação ao gênero feminino atribuído às suas vestimentas. Assim como acontece nas figuras 3 e 4, as roupas dos sujeitos nas figuras 6 e 7 compartilham aspectos parecidos, indicando padronização por parte da instituição que é a moda.

Além disso, vale ressaltar que na figura 6, a pose reproduzida pelo sujeito simula o feminino, o que alude à performatividade reproduzida por uma *drag queen*, como exemplificado por Butler quando diz:

Ao imitar o gênero, a drag revela implicitamente a estrutura imitativa do próprio gênero — assim como sua contingência. Aliás, parte do prazer, da vertigem da performance, está no reconhecimento da contingência radical da relação entre sexo e gênero diante das configurações culturais de unidades causais que normalmente são supostas naturais e necessárias. No lugar da lei da coerência heterossexual, vemos o sexo e o gênero desnaturalizados por meio de uma performance que confessa sua distinção e dramatiza o mecanismo cultural da sua unidade fabricada (BUTLER, 2021, pp. 237-238).

Em outros termos, percebe-se que o indivíduo performatiza o estereótipo feminino em sua pose, o que assemelha-se, mas não é, ao que um/uma *drag* faz.

Desse modo, considerando que os três indivíduos, nas figuras 5, 6 e 7, autoidentificam-se com o gênero feminino, respectivamente “E me identifico como uma mulher cis hetero” (A5, p. 50)<sup>1</sup>, “22 anos, faço química na UFPel e eu me identifico como mulher” (A6, p. 50) e “Eu estudo e trabalho aos final de semana e sou mulher” (A7, p. 51). Podemos supor, desse modo, que as três ostentam um estilo heteronormativo e, como consequência disso, não subvertem as noções tradicionais de gênero atreladas às suas roupas.

---

<sup>1</sup> O conceito de “cis” ou “ciscônero” não será utilizado aqui, pois não vai de acordo com os conceitos elaborados a partir de Butler (2021). Porém, para contemplar aqueles que se autoidentificam como tal na pesquisa irei adicionar o seu significado na literatura. Segundo Jesus, “ciscônero é um conceito que abarca as pessoas que se identificam com o gênero que lhes foi determinado socialmente, ou seja, as pessoas não-transgênero” (2013, n.p).

Figura 8



Fonte: elaborado pelo autor (2023).

Quadro 8

| Elementos Seleccionados | Decomposição |                   | Qualificação                          | Sugere                             | Código Interno da Imagem                                     |
|-------------------------|--------------|-------------------|---------------------------------------|------------------------------------|--------------------------------------------------------------|
| Elemento                | Corpo        | Autoidentificação | mulher cis e bissexual                | feminino                           | mulher não heteronormativa utilizando vestimentas normativas |
|                         |              | Cabelo            | médio (solto)                         | unissex/<br>assoc. figura feminina |                                                              |
|                         |              | Maquiagem         | leve                                  | feminilidade (assoc.)              |                                                              |
|                         | Vestuário    | Superior          | curta, estilo <i>top/cropped</i>      | feminilidade                       |                                                              |
|                         |              | Inferior          | cintura alta, jeans                   | feminilidade                       |                                                              |
|                         |              | Calçados          | tênis, branco, básico                 | unissex                            |                                                              |
|                         | Acessórios   | Colar             | gargantilha, brilhante                | assoc. figura feminina             |                                                              |
|                         |              | Óculos            | armação grande, arredondada, delicada | unissex/feminino                   |                                                              |

Fonte: elaborado pelo autor (2023).

Figura 9



Fonte: elaborado pelo autor (2023).

Quadro 9

| Elementos Seleccionados | Decomposição |                   | Qualificação                       | Sugere                          | Código Interno da Imagem                                        |
|-------------------------|--------------|-------------------|------------------------------------|---------------------------------|-----------------------------------------------------------------|
| Elemento                | Corpo        | Autoidentificação | homem homossexual                  | masculino                       | homem cisgênero não normativo utilizando vestimentas normativas |
|                         |              | Cabelo            | curto, descolorido                 | assoc. figura masculina         |                                                                 |
|                         |              | Maquiagem         | inexistente                        | masculinidade (assoc.)          |                                                                 |
|                         | Vestuário    | Superior          | camiseta, básica e preta           | unissex/ masculinidade (assoc.) |                                                                 |
|                         |              | Inferior          | tom neutro, simples                | masculinidade                   |                                                                 |
|                         |              | Calçados          | tênis, preto, simples              | unissex                         |                                                                 |
|                         | Acessórios   | Colar             | corrente prata sobre choker branca | unissex/masculinidade           |                                                                 |
|                         |              | Óculos            | estiloso, branco                   | unissex                         |                                                                 |

Fonte: elaborado pelo autor (2023).

Figura 10



Fonte: elaborado pelo autor (2023).

Quadro 10

| Elementos Seleccionados | Decomposição |                   | Qualificação                          | Sugere                          | Código Interno da Imagem                                        |
|-------------------------|--------------|-------------------|---------------------------------------|---------------------------------|-----------------------------------------------------------------|
| Elemento                | Corpo        | Autoidentificação | homem cis homossexual                 | masculino                       | homem cisgênero não normativo utilizando vestimentas normativas |
|                         |              | Cabelo            | curto, com degradê                    | assoc. figura masculina         |                                                                 |
|                         |              | Barba             | bigode                                | masculinidade                   |                                                                 |
|                         | Vestuário    | Superior          | camiseta, básica (com estampa), preta | unissex/ masculinidade (assoc.) |                                                                 |
|                         |              | Inferior          | preta, simples, skinny                | masculinidade                   |                                                                 |
|                         |              | Calçados          | tênis, preto, simples                 | unissex                         |                                                                 |
|                         | Acessórios   | Colar             | corrente, elos grandes                | masculinidade                   |                                                                 |

Fonte: elaborado pelo autor (2023).

Os sujeitos nas figuras 8, 9 e 10 autoidentificaram-se respectivamente como “Eu só estudo, tenho 24 anos e sou mulher cis bissexual” (A8, p. 51), “Tenho 25 anos, apenas estudo e homem homossexual” (A9, p. 52) e “E eu me identifico como homem cis homossexual” (A10 p. 52). De encontro a isso, após ser decomposta, a

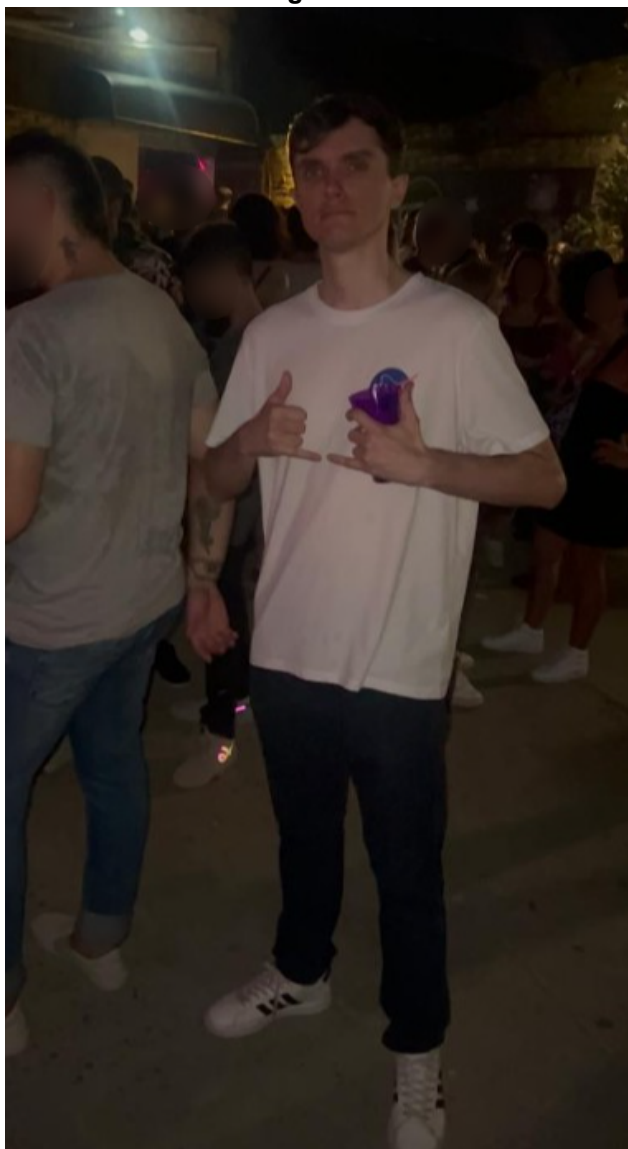
vestimenta do indivíduo na figura 8 apresenta qualidades que sugerem feminilidade, enquanto as qualidades presentes nas vestimentas dos indivíduos nas figuras 9 e 10 sugerem masculinidade. Assim, apesar da redundância ser um ponto em comum entre estas três figuras, existe uma discordância no que elas performatizam. Sendo o sujeito na figura 8 uma representação de performatividade do feminino através da roupa e os indivíduos nas figuras 9 e 10 sugestões de representação masculina.

Além disso, pôde-se perceber que os sujeitos das figuras 9 e 10 utilizam barba, o que, como mencionado no caso das figuras 3 e 4, pode aludir a heteronormatividade, mas, também, podemos considerar como sendo uma representação do padrão estético homossexual. Assim sendo, nestes casos em específico, a barba pode ser considerada como masculina e homossexual, transgredindo, assim, a noção de heteronormatividade.

Portanto, os três indivíduos se declararam como não heteronormativos, uma vez que suas sexualidades fogem da binariedade de gênero, como visto nos quadros correspondentes a cada uma das figuras 8, 9 e 10. Assim sendo, a principal equivalência entre os três é o fato de todos aparentarem performatizar normatividade binária em suas vestimentas, apesar de suas autoidentificações como não heteronormativos. Contudo, mesmo que reafirmem uma identidade que fortalece a heteronormatividade, essa identidade pode, ao invés, estar reforçando a homossexualidade.

Assim, mesmo quando os indivíduos nas figuras 9 e 10 utilizam-se do estereótipo masculino e aparentam heteronormatividade em relação às vestimentas, eles podem subverter a noção de normatividade, pois autoidentificam-se como não heteronormativos. Então, os indivíduos das figuras 8, 9 e 10 subvertem a lógica heteronormativa ao colocarem em dúvida essa normatividade, pois parecem heteronormativos, mas não o são.

Figura 11



Fonte: elaborado pelo autor (2023).

Quadro 11

| Elementos Seleccionados | Decomposição |                   | Qualificação                     | Sugere                          | Código Interno da Imagem                                 |
|-------------------------|--------------|-------------------|----------------------------------|---------------------------------|----------------------------------------------------------|
| Elemento                | Corpo        | Autoidentificação | homem cisgênero, hetero          | masculino                       | homem vestido de maneira normativa (heteronormatividade) |
|                         |              | Cabelo            | curto                            | assoc. figura masculina         |                                                          |
|                         | Vestuário    | Superior          | camiseta, discreta (com estampa) | unissex/ masculinidade (assoc.) |                                                          |
|                         |              | Inferior          | escura, simples, jeans           | masculinidade                   |                                                          |
|                         |              | Calçados          | tênis, simples                   | unissex                         |                                                          |
|                         | Acessórios   | Nada              | Não possui                       | unissex/masculino               |                                                          |

Fonte: elaborado pelo autor (2023).

Figura 12



Fonte: elaborado pelo autor (2023).

Quadro 12

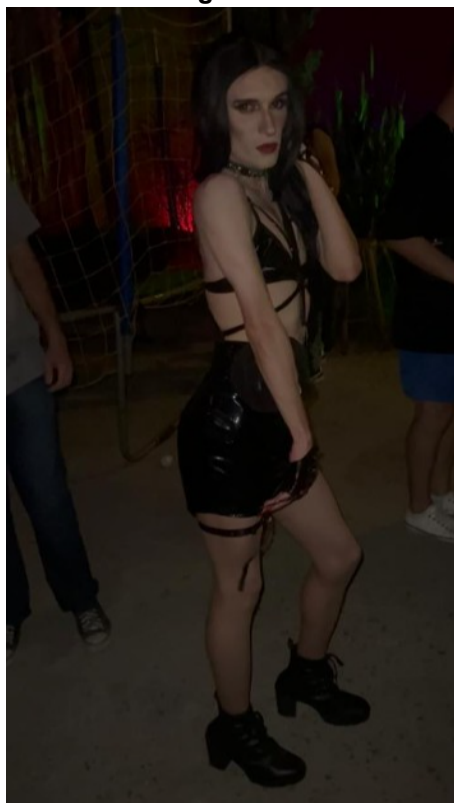
| Elementos Selecionados | Decomposição |                   | Qualificação                  | Sugere                         | Código Interno da Imagem                                 |
|------------------------|--------------|-------------------|-------------------------------|--------------------------------|----------------------------------------------------------|
| Elemento               | Corpo        | Autoidentificação | hetero                        | unissex/masculino por assoc.   | homem vestido de maneira normativa (heteronormatividade) |
|                        |              | Cabelo            | curto                         | assoc. figura masculina        |                                                          |
|                        |              | Barba             | cheia, espessa                | masculinidade                  |                                                          |
|                        | Vestuário    | Superior          | camiseta, estampada           | unissex/masculinidade (assoc.) |                                                          |
|                        |              | Inferior          | escura, simples, jeans skinny | unissex/masculinidade          |                                                          |
|                        |              | Calçados          | mocassim                      | masculino                      |                                                          |
|                        | Acessórios   | Nada              | Não possui                    | unissex/masculino              |                                                          |

Fonte: elaborado pelo autor (2023).

Os sujeitos fotografados nas figuras 11 e 12 possuem vestimentas com qualidades que sugerem masculinidade, ou representação do papel de gênero masculino. Também, autoidentificam-se no masculino, “É... Ele. Homem cisgênero, hetero” (A11, p. 53) e “Eu trabalho, estudo e eu me identifico como hetero” (A12, p. 53) respectivamente. Sugestionam, portanto, heteronormatividade na maneira em que se vestem, uma vez que o gênero com que se autoidentificam é masculino, assim como a redundância sugerida pelas suas vestimentas.

Consequentemente, não aparentam subverter os fundamentos tradicionais e normativos impostos sobre os gêneros atribuídos às roupas e acessórios que ostentam.

**Figura 13**

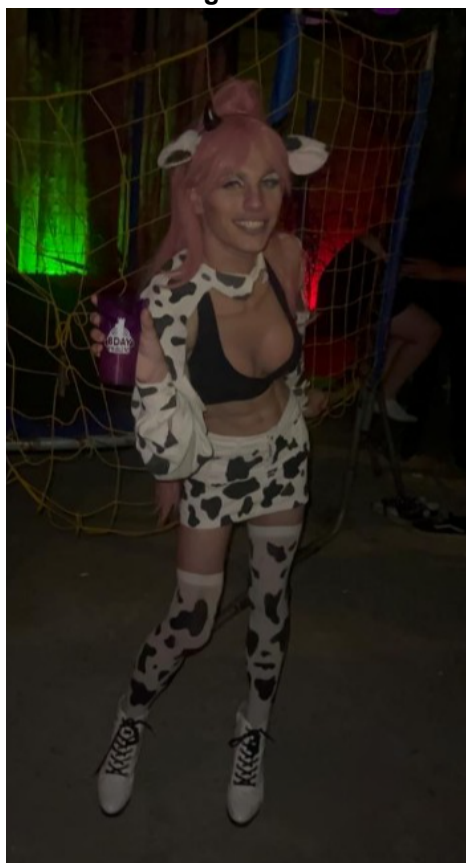


Fonte: elaborado pelo autor (2023).

**Quadro 13**

| Elementos Seleccionados | Decomposição |                   | Qualificação                           | Sugere           | Código Interno da Imagem         |
|-------------------------|--------------|-------------------|----------------------------------------|------------------|----------------------------------|
| Elemento                | Corpo        | Autoidentificação | homem homossexual e drag queen         | masculino        | homem performatizando drag queen |
|                         |              | Cabelo            | longo (solto), peruca ou <i>lace</i>   | feminilidade     |                                  |
|                         |              | Maquiagem         | visível, completa                      | feminilidade     |                                  |
|                         | Vestuário    | Superior          | ousada, curta                          | feminilidade     |                                  |
|                         |              | Inferior          | cintura alta, justa                    | feminilidade     |                                  |
|                         |              | Calçados          | botas cano curto, salto                | feminilidade     |                                  |
|                         | Acessórios   | Colar             | gargantilha, preta, detalhes metálicos | feminino/unissex |                                  |
|                         |              | Luvas             | couro, dedos a mostra                  | unissex          |                                  |

Fonte: elaborado pelo autor (2023).

**Figura 14**

Fonte: elaborado pelo autor (2023).

Quadro 14

| Elementos Selecionados | Decomposição |                   | Qualificação                     | Sugere        | Código Interno da Imagem                  |
|------------------------|--------------|-------------------|----------------------------------|---------------|-------------------------------------------|
| Elemento               | Corpo        | Autoidentificação | homem e gay                      | masculinidade | homem performatizando uma figura feminina |
|                        |              | Cabelo            | longo (preso), peruca ou /face   | feminilidade  |                                           |
|                        |              | Maquiagem         | visível                          | feminilidade  |                                           |
|                        | Vestuário    | Superior          | ousada, curta, estampa           | feminilidade  |                                           |
|                        |              | Prótese           | prótese de seios de silicone     | feminilidade  |                                           |
|                        |              | Inferior          | cintura alta, justa, estampa     | feminilidade  |                                           |
|                        |              | Calçados          | botas cano curto, salto, brancas | feminilidade  |                                           |
|                        |              | Meias             | estampa, longa                   | feminilidade  |                                           |
|                        | Acessórios   | Cabeça            | tiara                            | unissex       |                                           |
|                        |              | Busto             | busto de silicone, realista      | feminino      |                                           |

Fonte: elaborado pelo autor (2023).

As vestimentas apresentadas nas figuras 13 e 14 sugerem performatização do feminino devido à redundância evidente das sugestões de cada uma de suas qualificações. Entretanto, os sujeitos nas figuras 13 e 14 autoidentificaram-se respectivamente como “Eu me identifico como homem homossexual, mesmo. E drag queen.” (A13, p. 54) e “Eu tô trabalhando agora na Embaixador e me identifico como homem e gay.” (A14, p. 54), ou seja, apesar de não serem heteronormativos, ambos veem a si mesmos como tendo corpos masculinos.

Segundo Butler, a “performance da *drag* brinca com a distinção entre a anatomia do performista e o gênero que está sendo performado” (2021, p. 237). A autora destaca que *drag queen* é uma performance onde as *drags* simulam o gênero feminino. Essa “oposição”, em sentido figurado é claro, produz contraste entre o gênero dos indivíduos e a sugestão que suas vestimentas e acessórios indicam. Logo, existe certo grau de desnaturalização dos aspectos associados ao corpo masculino e, de acordo com a lógica da contrassexualidade apresentada por Preciado (2014), isso implica subversão das normas tradicionais de gênero. Os dois aparentam performatizar a figura feminina, segundo Polhemus (2012), podemos considerá-los possuidores de um estilo antimoda, o que permite pressupor que

estão transgredindo a binariedade feminino-masculino no seu processo de performatização.

Isto posto, pode-se considerar que ao utilizarem as roupas e acessórios da maneira representada nas figuras 13 e 14, os sujeitos estão subvertendo em algum grau a heteronormatividade estabelecida pelo aparato sociocultural.

**Figura 15**



Fonte: elaborado pelo autor (2023).

**Quadro 15**

| Elementos Selecionados | Decomposição |                   | Qualificação                        | Sugere                 | Código Interno da Imagem                       |
|------------------------|--------------|-------------------|-------------------------------------|------------------------|------------------------------------------------|
| Elemento               | Corpo        | Autoidentificação | mulher trans                        | feminino               | mulher transexual vestida de maneira normativa |
|                        |              | Cabelo            | médio (solto), lãce                 | assoc. figura feminina |                                                |
|                        |              | Maquiagem         | leve                                | feminino               |                                                |
|                        |              | Mãos              | unhas longas, pintadas (amarelo)    | feminino               |                                                |
|                        | Vestuário    | Superior          | blusa justa, decorada com pedras    | feminilidade           |                                                |
|                        |              | Inferior          | saiá curta, cintura baixa, cinturão | feminilidade           |                                                |
|                        |              | Calçados          | botas cano alto, salto              | feminilidade           |                                                |

Fonte: elaborado pelo autor (2023).

Ao observarmos a figura 15 com atenção, podemos perceber que a sugestão ao gênero feminino que as vestimentas e acessórios indicam é totalmente predominante no quadro 15, ou seja, o sujeito performatiza o feminino através das vestimentas. Além disso, autoidentifica-se como “Uma mulher trans” (A15, p. 55), o que aponta heteronormatividade em relação ao corpo e à vestimenta como um todo.

Desse modo, assim como nas figuras 8, 9 e 10, o indivíduo na figura 15 é não normativo. Ao se autoidentificar como uma mulher e, somado a isso, utilizar roupas e acessórios que sugerem o feminino, o sujeito na figura 15 não parece estar empregando subversão, mas, na realidade, o faz. Como no caso das figuras 8, 9 e 10, ao não ser heteronormativo, o indivíduo quebra a expectativa de subversão, mesmo que, aparentemente, não haja subversão. Isso porque, como acontece com as figuras 8, 9 e 10, o indivíduo na figura 15 subverte ao existir.

### 3. Considerações finais

Retomando a questão realizada no princípio desta pesquisa, a maneira como uma pessoa se veste influencia na subversão das construções sociais, e da normalização, criadas a partir de identidades de gênero e sexualidade? Para entendermos se essa subversão existe, ou não, e como se dá, se faz necessário comparar os dados analisados entre si. Somente a partir desta síntese vamos conseguir entender como subversão e performatividade através da vestimenta estão

relacionadas.

Desse modo, em um primeiro momento, precisamos entender qual a proporção entre os elementos que se encaixam na binariedade de gênero e os que não se encaixam nesse espectro binário. Assim, entre as figuras analisadas, pôde-se constatar que existem nove indivíduos considerados como heteronormativos (figuras 1, 2, 3, 4, 5, 6, 7, 11 e 12) e seis indivíduos não considerados heteronormativos (figuras 8, 9, 10, 13, 14 e 15). Vale lembrar que esta etapa da análise apenas considerou a autoidentificação de cada um dos indivíduos, sem levar em conta qualquer outro fator determinante desta heteronormatividade, ou negação dela. A partir desta constatação, portanto, é possível perceber que existem mais indivíduos que se consideram dentro do espectro normativo binário do que fora dele, ainda que não se trate de uma diferença significativa.

Isto posto, quando comparamos a autoidentificação de cada um dos sujeitos fotografados com o que suas vestimentas sugerem, não há maneira direta de indicar subversão, pois se faz necessário considerar o contexto em que estão inseridos. Os indivíduos retratados nas figuras 8 e 15, por exemplo, performatizam o gênero feminino e, também, sugerem heteronormatividade em suas vestimentas. Contudo, se autoidentificam de maneira não heteronormativa. Porém, aparentar ser heteronormativo, sem o ser realmente, não configura transgressão da heteronormatividade? Em outras palavras, a quebra de expectativa gerada a partir da certeza de que alguém aparenta performatizar papéis de gênero e/ou sexualidade normativos, mas na verdade não o faz, é subversiva por si só. É, portanto, a prova de que o que se pensava ser uma representação clara da heteronormatividade pode não ser.

Isso fica claro quando Preciado afirma:

Mesmo porque a heterossexualidade é uma tecnologia social e não uma origem natural fundadora. É possível inverter e derivar (modificar o curso, mudar, submeter à deriva) suas práticas de produção da identidade sexual. A bicha, o travesti, a drag queen, a lésbica, a sapa, a caminhoneira, a butch, a machona, a bofinho, as transgêneras, as F2M e os M2F são “brincadeiras ontológicas”, imposturas orgânicas, mutações prostéticas, recitações subversivas de um código sexual transcendental falso (PRECIADO, 2014, pp. 30-31).

A contrassexualidade implica que a existência de corpos falantes fora do espectro normativo, por si só, já configura subversão apenas por existir, provando,

desta forma, que a lógica heteronormativa é falha. Isso também é visível nos casos dos indivíduos presentes nas figuras 9 e 10, que, por sua vez, sugerem heteronormatividade através de suas vestimentas, contudo, acabam por subverter da mesma maneira que vemos nas figuras 8 e 15.

Outra perspectiva interessante da subversão através da vestimenta a ser abordada é a questão da barba/bigode como representação de heteronormatividade masculina. O sujeito presente na figura 3, autoidentificado como homem heterossexual, performatiza masculinidade através da camiseta de flanela estilo lenhador, dos coturnos e, principalmente, da barba espessa e, claramente, não representa subversão. Porém, os indivíduos nas figuras 9 e 10, autoidentificados como homens homossexuais, também possuem barba e vestimentas que aludem à masculinidade, mas, ao contrário do indivíduo na figura 3, os que estão presentes nas figuras 9 e 10 representam subversão à heteronormatividade.

Durante os últimos dois séculos, a identidade homossexual se constituiu graças aos deslocamentos, às interrupções e às perversões dos eixos mecânicos performativos de repetição que produzem a identidade heterossexual, revelando o caráter construído e prostético dos sexos (PRECIADO, 2014, p. 30).

Assim, ao interpretarmos a situação a partir da visão de Preciado, podemos considerar que o indivíduo na figura 3 representa tão claramente alguém heteronormativo que chega a beirar o estereótipo que tange, por exemplo, um padrão estético que pode ser homossexual. À vista disso, podemos relacionar as figuras 13 e 14, homens e *drag queens*, com esse aspecto estereotipado dos gêneros. Entretanto, essa relação partiria da esterotipação do feminino e não do masculino. Vejamos, por exemplo, o indivíduo presente na figura 6, que é uma mulher heteronormativa performatizando o papel de gênero feminino, onde a simulação do feminino perpassa o estereótipo. Aludindo, dessa maneira, ao que uma *drag* faz, porém, no caso da figura 6, não existe subversão da normatividade binária através da vestimenta. Para Butler:

Seria a drag uma imitação de gênero, ou dramatizaria os gestos significantes mediante os quais o gênero se estabelece? Ser mulher constituiria um “fato natural” ou uma performance cultural, ou seria a “naturalidade” constituída mediante atos performativos discursivamente compelidos, que produzem o corpo no interior das categorias de sexo e por meio delas? (BUTLER, 2021, p. 9).

Desta forma, Butler constata que “no caso das *drags* e do travestismo, seja como uma apropriação acrítica da estereotipia dos papéis sexuais da prática heterossexual” (2021, p. 237). Portanto, a *drag queen* indica estereotipação da mulher, segundo a autora, e isso coloca o padrão heteronormativo em xeque.

Logo, sob uma visão desprovida de amplitude, apenas as vestimentas dos indivíduos nas figuras 13 e 14 seriam subversivas. Porém, ao observarmos com maior atenção e com contexto, percebe-se que a não heteronormatividade está diretamente ligada à subversão. Assim, ao compararmos a proporção de normativos e não normativos com a de subversivos e não subversivos, podemos atestar que todos os indivíduos tidos como não heteronormativos acabam por reproduzir subversão. Tanto através da quebra da normatividade a partir da vestimenta que, segundo a lógica heteronormativa, não é associada ao corpo que a veste, como uma *drag queen* (figuras 13 e 14) faz. Quanto através da tensão aplicada sobre símbolos heteronormativos que, por sua vez, também podem fortalecer a não normatividade, como nas figuras 8, 9, 10 e 15. Símbolos esses que estão presentes em figuras que fortalecem a heteronormatividade, e não a subvertem, através das vestimentas, como nas figuras (1, 2, 3, 4, 5, 6, 7, 11 e 12), mas adquiriram outro significado quando analisados a partir de um contexto diferente.

Deste modo, a vestimenta cumpre sua função como instrumento de subversão à heteronormatividade, ainda que não de uma maneira direta na maior parte das vezes. Partindo do princípio que a subversão, através da indumentária, não se dá somente ao combinarmos um corpo falante com vestimentas que, segundo a heteronormatividade, seriam correspondentes a um gênero destoante do corpo que vestem. Mas, também, a partir da constatação de que mesmo quando as roupas e acessórios são consideradas, pela lógica heteronormativa, correspondentes ao corpo que vestem, podem ser subversivas. Isso acontece porque, ao sugerirem que determinado indivíduo é heteronormativo, por aparentar ser assim, acabam quebrando essa expectativa quando o sujeito se revela como não heteronormativo, subvertendo, portanto, ao provar que a heteronormatividade em questão é uma construção social.

## Referências

- ARCOVERDE, M. Inconformidades indumentárias: reflexões sobre moda e crossdressing. 2017. Tese de Doutorado. Universidade de São Paulo. Disponível em: <https://www.teses.usp.br/teses/disponiveis/100/100133/tde-07062017-113559/pt-br.php>. Acesso em: 18 ago. 2023.
- ARCOVERDE, M. Moda: tecendo outras possibilidades na construção das identidades de gênero. *Revista Periódicus*, v. 1, n. 2, p. 263-276, 2014. Disponível em: <https://periodicos.ufba.br/index.php/revistaperiodicus/article/view/12894>. Acesso em: 18 ago. 2023.
- BALIEIRO, F de F. Carmen Miranda e a performatividade da baiana. *Contemporânea*, São Carlos, Volume 1, Fascículo 1, Páginas 207-234, Jan-Jun 2015.
- BAUDOT, François. *Moda do século*. São Paulo: Cosac e Naify, 2002.
- BONI, V; QUARESMA, S J. Aprendendo a entrevistar: como fazer entrevistas em Ciências Sociais. *Revista Eletrônica dos Pós-Graduandos em Sociologia Política da UFSC*, Volume 2, Número 1(3), Páginas 68-80, Jan-Jul 2005.
- BRAH, A. Diferença, diversidade, diferenciação. *Cadernos Pagu*, Volume 26, Páginas 329-376, Jan-Jun 2006.
- BUTLER, J. *Corpos que importam: os limites discursivos do sexo*. São Paulo: Editora n-1 edições, 2019.
- BUTLER, J. *Problemas de gênero: Feminismo e subversão de identidade*. Rio de Janeiro: Editora Civilização Brasileira, 2021.
- CARILLO, Jesus. Entrevista com Beatriz Preciado. *Revista Poiesis*, n. 15, p. 47-71, jul. 2010. Disponível em: [http://www.poiesis.uff.br/PDF/poiesis15/Poiesis\\_15\\_EntrevistaBeatriz.pdf](http://www.poiesis.uff.br/PDF/poiesis15/Poiesis_15_EntrevistaBeatriz.pdf). Acesso em: 17 maio 2022.
- CASSAGNES-BROQUET, S; DOUSSET-SEIDEN, C. Gênero, normas e linguagens do traje. *ModaPalavra e-Periódico*, Volume 7, Fascículo 14, Páginas 1-12, Jul-Dez 2014.
- FOUCAULT, M. *A ordem do discurso*. 3. ed. São Paulo: Edições Loyola, 1996.
- FOUCAULT, M. *História da sexualidade: A vontade de saber*. 11. ed. Rio de Janeiro/São Paulo: Paz & Terra, 2021.
- FOUCAULT, Michel. *Vigiar e punir: nascimento da prisão*. Tradução Raquel Ramalhe. Petrópolis: Vozes, 1987.
- GAVÉRIO, M A. Medo de um planeta aleijado? Notas para possíveis aleijamentos da sexualidade. *Áskesis*, Volume 4, Fascículo 1, Páginas 103-117, janeiro/junho 2015.

- GIDDENS, A. Modernidade e Identidade. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed., 2002.
- GONDIM, Sônia Maria Guedes. Grupos focais como técnica de investigação qualitativa: desafios metodológicos. *Revista Paidéia*, v. 12, Páginas 149-161, 2003.
- HALL, S. A identidade cultural na pós-modernidade. 11. ed. Rio de Janeiro: DP&A EDITORA, 2006.
- JESUS, Jaqueline Gomes. Feminismo e identidade de gênero: elementos para a construção da teoria transfeminista. In: *Anais do Fazendo Gênero 10: desafios atuais do feminismo*: Florianópolis: Universidade Federal de Santa Catarina, 2013.
- KEIL, Ivete Manetzeder. Grupo focal: algumas notas sobre questões práticas. *Revista Debates*, v. 9, n. 1, Páginas 49-59, jan.-abr. 2015.
- MENDES, André Melo. Metodologia para análise de imagens fixas. Belo Horizonte: Editora Fafich/Selo PPGCOM/UFMG, 2019.
- MENEZES, M.; BECCARI, M. N. A Moda e a Teoria Queer: o unissex e o gênero neutro. *Revista da Associação Brasileira de Estudos de Pesquisas em Moda*, [S. l.], n. 32, p. 211-234, 2021. Disponível em: <https://dobras.emnuvens.com.br/dobras/article/view/1374>. Acesso em: 18 maio. 2022.
- LEVENTON, Melissa. A história ilustrada do vestuário. São Paulo: Publifolha, 2009.
- LIPOVETSKY, Gilles. O império do efêmero: a moda e seu destino nas sociedades modernas. São Paulo: Companhia das Letras, 2009.
- POLHEMUS, Ted. *Fashion & Anti-fashion: Exploring adornment and dress from an anthropological perspective*. Kindle edition. 2012.
- PRECIADO, B. *Manifiesto contra-sexual: Práticas subversivas de identidade sexual*. São Paulo: N-1 Edições, 2014.
- SALIH, Sara. *Judith Butler e a teoria queer*. Tradução Guacira Lopes Louro. Belo Horizonte: Autêntica, 2012.
- SCOTT, J. W. "Gênero: uma categoria útil de análise histórica". *Educação & Realidade*. Porto Alegre, vol. 20, nº 2, jul./dez. 1995, p. 71-99.
- SPARGO, Tamsin. *Michel Foucault e a teoria queer*. Belo Horizonte: Autêntica, 2017.

## APÊNDICE A — Transcrição dos Áudios

Áudio 1 — Tempo de gravação: 31 seg

Identificação: A1

D. Meu nome é Diego Vieira Silveira. E eu quero saber se eu posso usa a tua imagem, e as perguntas que eu vou te fazer, pro meu TCC para fins puramente acadêmicos?

A1. Sim!

D. Muito obrigado. Tu pode me dizer tua idade, se estuda ou trabalha e como tu te autoidentifica?

A1. Eu tenho 25 anos. Eu faço técnico de enfermagem. Eu me identifico como mulher.

D. Obrigado!

Áudio 2 — Tempo de gravação: 33 seg

Identificação: A2

D. É... Meu nome é Diego Vieira Silveira. E eu gostaria de saber se posso usa tua imagem, e as respostas que tu me der, pro meu TCC, pra fins puramente acadêmicos e nada mais?

A2. Pode sim. Eu autorizo.

D. Brigado. É... Qual tua idade, tu estuda ou trabalha e como tu te autoidentifica?

A2. Então... é... Eu tenho 22 anos. 23 na verdade e sou estudante da UFPel e sou mulher.

D. Show! Muito obrigado.

Áudio 3 — Tempo de gravação: 27 seg

Identificação: A3

D. Meu nome é Diego Vieira Silveira e eu gostaria de saber se eu posso usar a sua imagem no meu TCC e pra fins exclusivamente acadêmicos?

A3. Sim, autorizo.

D. Me diz sua idade, ocupação...

A3. Tenho 25 anos e tô fazendo graduação em bacharelado de História na UFPel.

D. E... Qual que é sua idade? Não! Como é que você se autoidentifica?

A3. Como hétero. Homem e hetero.

D. Brigado.

Áudio 4 — Tempo de gravação: 48 seg

Identificação: A4

D. Meu nome é Diego Vieira Silveira e eu gostaria de saber se tenho a tua autorização pra usar as tuas fotos no meu trabalho de conclusão de curso exclusivamente para fins acadêmicos?

A4. Sim, Sim. Tem, tem.

D. É... Brigado. Então, por favor, me diz tua idade, se trabalha, estuda ou faz os dois e como tu te autoidentifica?

A4. Tenho 22 anos no momento. Eu... No momento, eu to fazendo uber. Como me identifico... Hum... Homem heteossexual.

D. Muito obrigado.

Áudio 5 — Tempo de gravação: 35 seg

Identificação: A5

D. É... Meu nome é Diego Vieira Silveira e eu gostaria de saber se tu autoriza o uso da tua imagem no meu TCC e pra fins acadêmicos.

A5. Autorizo!

D. Tá. Hã... Agora, por favor, me diz se tu trabalha, estuda ou faz os dois, tua idade e como tu te autoidentifica?

A5. Eu tenho 24 anos, sou estudante de relações internas... internacionais na UFPel. E me identifico como uma mulher cis hetero.

Áudio 6 — Tempo de gravação: 34 seg

Identificação: A6

D. Meu nome é Diego Vieira Silveira. É... Eu gostaria de saber se eu posso usa tua imagem pro meu TCC e pra fins puramente acadêmicos. Gos... Tenho a tua autorização?

A6. Tem. Tem minha autorização.

D. Tá. Tu pode me dizer tua idade, se tu estuda, trabalha ou faz os dois e como tu te autoidentifica?

A6. 22 anos, faço química na UFPel e eu me identifico como mulher.

D. Obrigado!

Áudio 7 — Tempo de gravação: 28 seg

Identificação: A7

D. Meu nome é Diego Vieira Silveira e eu gostaria de saber se eu posso usar tua imagem pro meu TCC e pra fins puramente acadêmicos? Você autoriza?

A7. Sim, autorizo.

D. Tá... É. Por favor, me diz tua idade, se estuda ou trabalha e como te autoidentifica?

A7. Eu estudo e trabalho aos final de semana e sou mulher.

D. E qual tua idade?

A7. Tenho 22 anos.

Áudio 8 — Tempo de gravação: 30 seg

Identificação: A8

D. Meu nome é Diego Vieira Silveira e eu gostaria de saber se eu posso usar tuas fotos pro meu trabalho de conclusão de curso pra fins especik... especificamente acadêmicos. Você autoriza?

A8. Eu autorizo, sim.

D. Muito obrigado. É... pode me dizer agora a sua idade, se estuda, trabalha ou faz os dois e como se autoidentifica?

A8. Eu só estudo, tenho 24 anos e sou mulher cis bissexual.

D. E qual tua idade?

A8. 24.

D. Obrigado.

Áudio 9 — Tempo de gravação: 26 seg

Identificação: A9

D. Meu nome é Diego Vieira Silveira e eu gostaria de saber se eu posso usar tua imagem pro meu TCC e pra fins puramente acadêmicos. Você autoriza?

A9. Claro! Sim.

D. É... Por favor, então, me diz tua idade, se estuda ou trabalha e como se autoidentifica?

A9. Tenho 25 anos, apenas estudo e homem homossexual.

D. Muito obrigado.

Áudio 10 — Tempo de gravação: 36 seg

Identificação: A10

D. É... Meu nome é Diego Vieira Silveira e eu gostaria de saber se eu posso usar a tua imagem no meu trabalho de conclusão de curso pra fins puramente acadêmicos?

A10. Eu autorizo (A10), autorizo Diego Vieira Silveira a utilizar minha imagem no TCC dele.

D. Certo, muito obrigado. Agora tu pode me dizer tua idade, se estuda ou trabalha ou faz os dois e como se autoidentifica?

A10. Áha... Eu tenho 25 anos, eu estudo e trabalho. E eu me identifico como homem cis homossexual.

D. Obrigado.

Áudio 11 — Tempo de gravação: 32 seg

Identificação: A11

D. Meu nome é Diego Vieira Silveira. Eu gostaria de saber se eu posso usar as tuas fotos... meu trabalho de conclusão de curso exclusivamente pra fins acadêmicos. você autoriza?

A11. É, eu aprovo. Tá permitido.

D. Muito obrigado. É... Agora tu pode me dizer tua idade, se estuda ou trabalha e como se autoidentifica?

A11. Tenho 28 anos. Eu faço faculdade de direito e faço estágio da defensoria pública de Jaguarão.

D. E como é que tu te autoidentifica?

A11. É... Ele. Homem cisgênero, hetero.

Áudio 12 — Tempo de gravação: 30 seg

Identificação: A12

D. É... Meu nome é Diego Vieira Silveira e eu gostaria de saber se eu posso usar tuas fotos pro meu trabalho de conclusão de curso pra fins puramente acadêmicos?

A12. Pode!

D. Tá bom. É... Agora tu pode me dizer tua idade, se tu trabalha, estuda ou faz os dois e como tu te autoidentifica?

A12. Eu tenho 25 anos. Eu trabalho, estudo e eu me identifico como hetero.

D. Brigado.

Áudio 13 — Tempo de gravação: 37 seg

Identificação: A13

D. Meu nome é Diego Vieira Silveira, eu gostaria de saber se eu posso usar as imagens que eu vou tirar de você pro meu TCC pra fins acadêmicos. Posso?

A13. Claro.

D. Oi?

A13. Autorizo.

D. Brigado. Agora tu pode me dizer tua idade, se trabalha ou estuda ou faz os dois e como se autoidentifica?

A13. Eu me identifico como homem homossexual, mesmo. E drag queen. E trabalho.

D. Qual tua idade?

A13. Eu tenho 24 anos.

D. Brigado!

Áudio 14 — Tempo de gravação: 39 seg

Identificação: A14

D. Meu nome é Diego Vieira Silveira. Eu gostaria de saber se você autoriza eu te usar as imagens que eu fiz pro meu TCC pra fins apenas acadêmicos. Você autoriza?

A14. Autorizo. Autorizo.

D. Show. Agora me diz tua idade, se estuda, trabalha ou faz os dois e como autoidentifica?

A14. Eu tenho 20 anos. Eu tô trabalhando agora na Embaixador e me identifico como homem e gay.

Áudio 15 — Tempo de gravação: 40 seg

Identificação: A15

D. Meu nome é Diego Vieira Silveira e eu gostaria de saber se eu posso usar tua imagem pro meu trabalho de conclusão de curso pra fins puramente acadêmicos e unicamente acadêmicos. Você autoriza?

A15. Sim.

D. Top. Você pode falar sua idade, se trabalha ou estuda ou se faz os dois e como você se autoidentifica?

A15. Tenho 23 anos, sou daqui de Pelotas e faço dança licenciatura.

D. E como você se autoidentifica?

A15. Uma mulher trans.